

# SAX & METAIS

A REVISTA PARA QUEM TOCA E AMA INSTRUMENTOS DE SOPRO

M&M  
EDITORIAL

SAX & METAIS • 2008 • Nº 16 • R\$ 8,90



## VIDA DE MÚSICO

O trompetista Nahor Gomes dá dicas infalíveis sobre a versatilidade do seu instrumento em big bands e outras formações

## ESPECIAL

Todos falam sobre eles, mas afinal, o que são os EWI? Preparamos uma matéria especial sobre as vantagens desta incrível ferramenta

5

aulas imperdíveis de trompete, sax e gaita

ALTAMIRO CARRILHO,  
o gênio da flauta no choro

# GUIA DE ACESSÓRIOS

TOCAR NÃO É SIMPLEMENTE TER UM INSTRUMENTO, MAS TAMBÉM INVESTIR EM ACESSÓRIOS. TRAZEMOS DICAS VALIOSAS PARA VOCÊ SABER O QUE ESCOLHER NA HORA CERTA

**E MAIS: ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM SPOKFREVO, MA3 E JORGE CERUTO**

# LIVE!

*Aqui você confere a agenda de shows e encontros de músicos em todo o Brasil e fica antenado com as novidades do mundo do sopro*

## TODO O FERVOR DA SPOK

Por Deise Juliana, de Tatuí - Fotos: Kazuo Watanabe

Quando surgiram no palco do teatro Pro-cóprio Ferreira, em Tatuí, para encerrar o 8º Brasil Instrumental, os 17 pernambucanos da SpokFrevo Orquestra mostraram por que a música do Recife faz tanto sucesso fora do Carnaval.

Ao descolorir o frevo, a Spok fez com que a música passasse de trilha sonora a carro-chefe. Os instrumentistas fazem um lindo trabalho com improvisações influenciadas também pelo jazz. E o grupo fez mais: trocou os trios elétricos por palcos de teatro e passou a intercalar solos entre as obras. Com isso, sofreu muitas críticas. Os puristas de plantão torceram o nariz para a idéia de descontextualizar o frevo, tornando-o protagonista único do show.

Inaldo Cavalcanti Albuquerque, o conhecido Spok, respirou fundo e seguiu em frente — sorte do público que aprecia música instrumental das boas. Os CDs e o DVD com o mesmo nome, *Passo de Anjo*, gravados ao vivo em maio de 2007 e lançados pela Biscoito Fino, tiveram a tiragem esgotada e apostamos que o motivo é a animação contagiante do grupo.

Antes da passagem de som em Tatuí, Spok conversou com a *Sax & Metais*, revista da qual confessou ser fã.

» *Em primeiro lugar, por que Spok?*

Quando estava na quinta



Ao descolorir o frevo, a Spok faz com que a música passe de trilha sonora a carro-chefe

A Spok trocou os trios elétricos por palcos de teatro e passou a intercalar solos e outras obras



série, eu ficava balançando as orelhas enquanto a professora explicava os assuntos de matemática, história. Eu estava, na verdade, prestando atenção. Na época passava aquela série *Jornada nas Estrelas* e um colega de classe começou a me chamar de Spok. Eu até pedi para parar, mas não adiantou. Logo, todo mundo já estava me chamando de Spok. Hoje, é capaz de um amigo meu, que convive comigo todo dia, não saber que me chamo Inaldo.

» *Acostumou tanto que resolveu colocar o apelido na orquestra?*

O nome da orquestra, sinceramente, não foi idéia minha. Os produtores se reuniram e acharam melhor colocar esse nome. Acharam que soava bem. Eu não fui muito a favor no início, ficou uma coisa meio desconfortável, mas agora me acostumei. Costumo dizer que no mínimo azar não deu.

» *Como você convive com o frevo?*

Preciso voltar a estudar como estudava. Talvez o ritmo de trabalho faça com que eu pare um pouco. Mas nos encontramos todas as semanas para ensaiar, falar sobre

frevo, sobre os projetos. Pego no saxofone sempre que é possível para colocar tudo em dia e poder somar algo que não conheço. Mas trabalho com o frevo todos os dias da minha vida.

» *Você diz que para tocar frevo tem de 'ter nascido em Pernambuco'. E quem não nasceu, como faz para tocar?*

Estamos tentando criar uma escola do frevo, assim como o choro já tem. Acho que o frevo e o choro são as duas únicas músicas instrumentais brasileiras, são linguagens próprias. Temos a forma de tocar que nossos mestres foram executando. Tivemos a sorte de nascer em um lugar que tem música própria, mas que ainda não está sistematizada. Hoje, se você quer entender a execução ou aprender como tocar uma escala de blues, há milhares de livros. Mas se quer entender o frevo, não há nada. Temos de sistematizar nossa história para não perdermos a alma. Assim vamos executar bem nossa música.

» *Há algo de concreto nesse sentido?*

Vamos realizar o início de nosso sonho e começar o Pacio do Frevo. É uma escola

de frevo, no Recife, onde vamos ensinar mais sobre o estilo. Hoje não há métodos para ensinar instrumentos regionais como a sanfona e o pífano, por exemplo. O frevo está começando a ser sistematizado.

» *E qual é a diferença do frevo da Spok?*

É o frevo de rua, mas começamos a solar, algo impensado no meio da rua, onde precisamos tocar forte. Na verdade, o primeiro a improvisar foi Felinho (ele fez um improviso em *Vassourinhas* memorável, mas foi supercriticado e parou). Depois vieram Sivuca, Dominguinhas. E nós fazemos isso. Hoje pagam ingresso para ouvir o frevo fora das ruas.

» *Valeu a pena sofrer críticas por 'descolorir o frevo'?*

Sim. Levamos essa música para o Brasil e para o mundo fora dos dias de Carnaval. Já temos turnês confirmadas na Europa e nos Estados Unidos. Abriram-se muitas portas nos festivais de jazz e em festivais como o de Tatuí. É um sonho realizado. São 17 pernambucanos no palco que nasceram lá e que, quando tocam o frevo, são pernambucanos e a alma não se perde.

Vida de Música

# DICAS DE UM TROMPETISTA VERSÁTIL

**H**á 29 anos, Nahor Gomes tem o trompete como extensão de seu braço. Ele ocupa três das grandes cadeiras da música brasileira como primeiro trompete na Banda Mantiqueira, na Orquestra Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo e na banda do rei Roberto Carlos.

Faltaria papel para descrever os artistas com quem já tocou — todos do quilate de Chico Buarque, Fito Paez e Natalie Cole. Sua versatilidade o fez gravar também trilhas de filmes como *Cidade de Deus* e *O Perfeito Estranho*. Foi premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) como melhor intérprete e integra o corpo de votantes ao Grammy Award, premiação internacional.

Durante o Festival Brasil Instrumental, realizado no Conservatório de Tatuí, Nahor Gomes falou sobre a função do trompete nas big bands e, deu suas impressões sobre o imponente instrumento que toca com maestria.

## » Qual é a função do trompete numa big band?

Este tema tem muito a ver com a história da disciplina. Como músico mais da área popular, acredito na big band como uma grande formação orquestral do trompetista de música popular. São muitos detalhes: a sutileza de trabalhar timbres, afinação, duração de nota, a liderança de naipe e as outras funções com a idéia de fundir. Por exemplo, é possível citar os terceiros e quartos trompetes que ajudam a ligar toda essa banda. O desdobramento dessa história para o trom-

POR DEISE JULIANA, DE TATUÍ - FOTO: KAZUO WATANABE

pete comercial é muito importante. Depois disso, acabamos usando a mesma postura para tocar com trompete, saxofone e trombone. Ou seja, isso nos acompanha em outras várias formações, sobretudo a questão disciplinar. É um desafio. É o que eu percebo ao longo de 30 anos tocando com todo o mundo.

## » Existe competição entre os músicos?

Sim. Acho que parte dessa oficina em Tatuí é para mostrar aos que têm de 16 a 20 anos que o bom da música é pensar como um time, evitando ao máximo a competição. Ainda mais tocando um instrumento tão imponente quanto o trompete. O bacana é ser bom profissional.

## » Há alguma dica para se melhorar a técnica?

Digo por mim. Como tenho desenvolvido um trabalho como primeiro trompete, acho muito importante a questão da saúde e de qualidade de vida para o corpo responder bem aos exercícios respiratórios, que são muito puxados. É preciso ter uma musculatura bem preparada e estar sempre muito relaxado para tocar. Nesse contexto, qualquer prática que venha a complementar é sempre bem-vinda, como ioga, exercícios abdominais, boa hidratação. Faço ioga há muitos anos. Acho que para tocar um instrumento assim, a postura precisa ser cada vez mais zen. Precisamos acumular energia porque dependemos de muita. E também é preciso pensar na questão da vida útil como trompetista. Uma coisa é tocar dos 16 aos 20 anos. Mas temos de despertar essa consciência nessa fase da vida para que consigamos tocar bem até os 60 anos.

## » Você se surpreendeu com algo em sua oficina?

Encontrei um instrumento diferente. Os instrumentos principais da Vincent Bach são os trompetes nºs. 25, 37, 42 e 72 (são calibres diferentes de instrumentos). E não há muita variação dentro disso. Você pode pedir para alterar uma peça, o cano principal ou a campana. Aqui um aluno falou de um Vincent Bach 38. Até duvidei. Mas me disseram que é um modelo usado em banda militar em Porto Alegre. Achei muito curioso e vou pesquisar isso, porque acho que é um pouquinho menor que o 37. •

